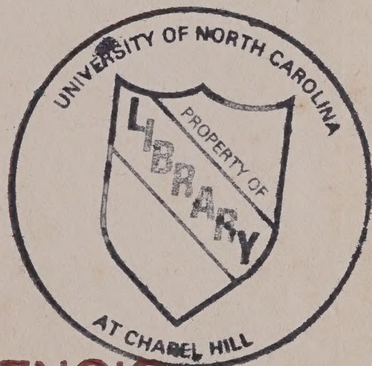

a 00003 542125

Gritos do meu Silencio

Oswaldo Santiago

Oswaldo Santiago

APRESENTA



GRITOS DO MEU SILENCIO

Onde se enfeixam poesias suas.

1926

Recife — — Pernambuco

Illustrações do desenhista

J. Ranulpho

A' [illegible] mental de Murillo Araujo, tão querido e admirado, tão bello e tão grande em seu talento, com um abraço do irmão-menor

Oswaldo Santiago

Meus:

"NO REINO AZUL DAS ESTRELLAS"
POESIAS. FIM DE 1923. RECIFE

"GRITOS DO MEU SILENCIO"
POESIAS. INICIO DE 1926. RECIFE

EM PREPARO: NENHUM.

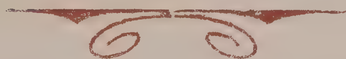
Rio - 926.

A Sergio Loreto Filho e

Amaury de Medeiros, pelo muito

que os estimo e admiro, a

offerta deste livro.



PREFACIO

"O Silencio para fallar
aos teus olhos, vestiu-se de luar..."

(ONESTALDO DE PENNAFORT)

"Poeta voluvel, borboleta cor de rosa,
Deus te perdôe a hypocrisia dolorosa
com que mentes ao proprio coração !"

(HERMES FONTES)

"O vento é manso, a tarde é calma.
Chora uma fonte... Que haverá pela minh'alma?"

(OLEGARIO MARIANNO)

"Sentei-me á porta do meu Sonho, há muito, nessa
Duvida triste de um infante pequenino
A quem fizéssem, certa vez, uma promessa..."

(CECILIA MEIRELLES)

"O Amor varia
mudo de encanto — de mulher para mulher!"

(*BASTOS PORTELLA*)

"Vida! Envolvo-te nos meus braços! Quero apertar a tua illusão contra mim! sorver o teu hausto no meu hausto! adorar a tua força eterna na minha força mortal!..."

(*ALVARO MOREYRA*)

*"Amor forte demais para esquecel-o,
que passa alem da Morte, porque a Vida
é pequena demais para contel-o!"*

(MARIA SABINA DE ALBUQUERQUE)

*"Cala-te! Em vez de uma frauta de canna
leva um dedo ao teu labio:
— Silencio..."*

(GUILHERME DE ALMEIDA)

Nesta pagina, aos meus amigos em coração e espirito :

Carlos Rios
Eurico Chaves
Dustan Miranda
Aggeu Magalhães
Thaumaturgo de Faria
Austro Costa
Annibal Fernandes
José Eustachio
Anisio Galvão
Humberto Carneiro
Araujo Filho
Caio Pereira
Coaracy de Medeiros
Esdras Farias
Manoel Arão
Armando G. Wucherer
Joaquim Inojosa
José dos Anjos
Silvio Moura
Evandro Netto
Affonso Baptista
Adalberto Cavalcanti
Lucilo Varejão
Cicero Mello
Nelson Ferreira
Mario Sette
Costa Rego Junior
Nelson Paixão
Góes Filho
Liberalino de Almeida
Oscar Pereira

uma justa homenagem pessoal e intellectual.

Ballada dos Ruidos Silenciosos

INICIAL





BALLADA DOS RUIDOS SILENCIOSOS



Pela quietude da minha sala
os dedos brancos adelgaçando,
visão errante, feita de opala,
quem és, que as cousas vais despertando?
Não tens materia, não tens contorno,
és sombra, e entanto, por toda a parte,
grita o Silencio que me anda em torno
para louvar-te, para exaltar-te!

De ti, que encanto, fino, trescala,
que fino aroma se evola, quando,
visão errante, feita de opala,
a alma das cousas vais despertando !
Tudo revibra n'um beijo morno
e um fluido extranho, por toda a parte,
passa... E ao passares eu ouço, em torno,
teus proprios passos a acompanhar-te !...

Sonora e muda, com tua falla,
a suavidade tendo ao teu mando,
visão errante, feita de opala,
até sons mortos vais despertando !
Das minhas ancias te fiz adorno,
e em estos novos, por toda a parte,
ando a buscar-te de ti em torno,
na ancia incontida e vã de encontrar-te !

Brinde :

Sombra !... Poesia !... — Visão de opala,
colhi um ramo para offertar-te !
Aspira-o. Sorve-o. Vê que elle exhala
todo o perfume que há na minh'Arte !...

Restea de Sol



RESTEA DE SOL

A STENIO DE SA'

Meu irmão, que és tão moço, que és tão bello,
que pela vida vais sem encontrar escolhos,
escuta: adivinhei, por que te vi risonho,
que uma mulher habita nos teus olhos!

Mas, que tens tú? Vejo-te agora triste,
de repente turbada a face, há pouco, calma!
— Ah! Já sei, E' que ella, em vez de nos teus olhos,
habita na tu'alma!...



Hora esguia e finissima
de gaze...





HORA ESGUIA E FINISSIMA DE GAZE...

AO L. C. CARDOSO AYRES

Há um mysterio a cantar na sombra calma da alameda,
e é como um beijo luminoso o luar...
Passa-não-passa, a claridade entre as folhas de seda
anda a caricaturar
as arvores que se erguem muito altas e franzinas,

como se fossem pulpitos para o sermão que o vento
prega ao silencio das campinas!...

Hora de gaze, que vives n'alma das grandes noites
em que hysterismos de luz
originam scismares e beatitudes,
espero-te
a tramar os meus gestos e as minhas attitudes
para quando estiveres aqui, muito junto de mim...
E quando tú chegares
tomarei, mão por mão, nas minhas mãos, as tuas mãos
onde devem existir, perdidas pelos teus dedos,
caricias lyricas de bizarro colibri
e fecharei os olhos, os meus olhos,
para adivinhar e tocar os multiplos segredos
que viverem em ti!...

Tardas... Sei, porem, que virás. Mas ainda não vieste
e da tua inexplicavel demora,
sem comprehendel-a,
conto os minutos pelo voar de cada suspiro,
e os segundos pelo abrir de cada estrella!...
Nenhum som foi teu passo. Tudo está mudo, quasi...
Tardas... Mas, ah! Surges, emfim, n'uma curva do Tempo,
minha adoravel Hora esguia e finissima de Gaze,
e só agora
vejo que foi a minha Pressa
quem hoje, para ver-me louco e por perversidade,
se divertiu com os desvarios da minha espera
e alongou os meus minutos de Anciedade!

PARABOLA



PARÁBOLA

A EUDES BARROS E RAUL DE GOES

Foi no reino do Céo... Tempos idos, remotos,
quando á terra imperava, infrene, o paganismo.
Então, disse o Senhor: — "Baixa ao humano abysmo,
meu filho, e prega o bem e o amor, ainda ignotos".

"Regenera o mortal da crença no baptismo,
semeia da virtude a excelsa flôr de lotus,
deixa os homens, emfim, para o Peccado immotos,
e volta, após cumprir esse meu idealismo !" —

Muito tempo decorre. Um dia, na celeste
região, pisa Jesus de volta dos caminhos
mundanos, e o Senhor pergunta — "Que fizeste ? —"

E elle volve: — "Meu pai, chamaram-me de louco,
morri sobre uma cruz, cingiram-me de espinhos,
eram muitos os máos, e um Christo só foi pouco !... —"

Aquella cruz que se partiu...



AQUELLA CRUZ QUE SE PARTIU...



Eu ouvia fallar no Amor — um sentimento
maior que Deus, maior que o Céo, maior que o **Mar** *! —*
e acreditava, no meu pensamento,
que elle existisse, embora em toda a minha vida
eu não o tivesse conseguido achar.

Eu ouvia fallar no Amor, no grande Amor — Loucura,
e julgava que o Amor fosse verdade,
que nascesse de um beijo, de um sorriso,
de um olhar, de um adeus, de uma Saudade!...

Mas, um dia, a minha fé no Amor fugiu de mim.

Vi que o Amor era embuste e era traição,
e era um sonho enganoso, phantastico e mendaz,
vi que o Amor era falso e interesseiro,
que era um Judas capaz
de vender a si proprio por dinheiro!

E, então, a minha ingenua confiança reneguei
não crendo mais no Amor... desde o dia em que amei!...

A princeza dos sorrisos maravilhosos





A PRINCEZA DOS SORRISOS MARAVILHOSOS



Num palacio phantastico, edificado sobre as Nuvens,
conta uma lenda que vivia uma Princeza....

E a Princezinha dessa lenda ingenua e mysteriosa,
tinha um rosto tão lindo,
tinha uns olhos tão negros,
e uma bocca tão perfeita e tão deliciosa,

que, no dia em que, por accaso, ella não sorria,
o Sol não se mostrava no seu reino, naquelle dia!...

Por isto, a lenda se formára do seu sorriso:

e diziam os pastores
que, certa vez, ella sorrira para um ramo
e que o ramo, de subito, se enfeitára de flores!

e diziam os praeiros
que, de outra vez, ella sorrira para o Mar,
e que o Mar, sempre cheio de furias e de brumas,
se acalmando, bruscamente, em paga do seu sorriso
dera-lhe um beijo de espumas!

e até as creanças diziam
aos homens, que passavam, rudes, sem entendel-as,
que fôra o seu sorriso que no Céo puzera
o Sorriso Luminoso das Estrellas!...

No entanto, a Princezinha encantadora,
aos pés de quem se punha o Céo, a Terra e o Mar,
há mil annos andava triste... Andava
a scismar e a chorar, e a chorar e a sonhar!

Correu, então, por todo o reino, celeremente,
que a Fada Vil da Maldade a enfeitiçára.

Uma noite, porem, em que o Luar se espalhava
em roda do seu palacio de perolas, em serenata,
com vibrações de violino,
uma vôz irrompeu de uma fonte de prata
e a Princeza, accordando dos seus devaneios seculares,

fixou o olhar naquelle som indeciso,
compoz o seu lindo rosto, descomposto e lindo,
e abriu os labios n'um sorriso...

Desde aquelle momento quem por ali estivesse
escutaria um rumor,
que á distancia era um grito e de perto uma prece,
a fallar de alegria, de venturas e de amor!...

....

... Quando veio a manhã, logo, um passaro erradio
disse ao vento, cuja vóz sahiu, pelo ar, a repetir
que um Poeta vencera a Fada Vil da Maldade
e que a Princeza
nunca mais deixaria de sorrir!...

BALLADA SENTIMENTAL



BALLADA SENTIMENTAL

PARA MARIO CORDEIRO

Crêde por Deus, fidalga dama,
não sois capaz de calcular
toda a paixão que a alma me inflama
e que me faz tão triste andar.
Certo, porem, que se algum dia
visseis a dor que originastes,
o vosso olhar se voltaria
para este amor que me negastes!

No entanto, em vão é que reclama
a minha voz perdida no ar...
Supplicio ultriz ! Louco quem ama
para viver a soluçar !
Mas, perdoarei esta agonia
que, sem querer, vós me causastes
e viverei, por phantasia,
cantando o amor que me negastes !

Princeza cruel de Melodrama,
lyrica flor do meu Penar,
perfume atróz que se embalsama
por terra e céo, por céo e mar,
tudo o que fui: Musa e Alegria,
nos vossos pés anniquilastes,
e ando a exaltar — tola porfia —
o grande amor que me negastes !

Brinde :

Sonho, Porvir, Chimera, Fama,
descrente, pois, amortalhastes...
Mas, inda assim est'alma acclama
o amor fatal que me negastes !...

A Morte das Estrellas



A MORTE DAS ESTRELLAS

PARA RAPHAEL XAVIER

E o Passado fallou pela vóz maravilhosa do Luar...

E disse: — Ainda deves lembrar
que a primeira sorriu quando, surpreso e triste,
a porta toda azul do seu palacio de ouro
fechada viste.
E o teu sonho, que era tão grande, que era tão bello,
recuou ante as paredes do castello
que o seu desprezo, subitamente, levantára...
Apenas do seu jardim extraordinario,
onde abriam rosas magnificas e perfumadas
conseguiste colher a flôr atroz do Desengano
e tiveste as tuas mãos ensanguentadas
no espinho do pesar!... Eras, porem, humano
e moço... E quando se é moço, facilmente,
tudo se esquece,
pelo que a magua muito cêdo te abandonou...

E pela vóz do Luar, o Passado continuou:

— Depois, longe daqui, em uma terra distante,
onde o sol aloirava as verdes cabelleiras
das arvores,
ella — a segunda — pousou, por um instante,
o olhar no teu olhar, o sorriso no teu sorriso,
e tornaste-a, desde então, para teu mal,
um idolo de indiano visionario
por quem — fakir do sonho — te enterraste
nas entranhas da terra da Esperança!
Deslumbrado, como estavas,
não podias, decerto, reparar
que, como tú, alguem, passo a passo, seguia
noite por noite,
dia por dia,
o rythmo sensual do passo seu
que deixava na poeira branca dos caminhos
um rastro luminoso e incandescente...
Uma vez, ao passares, exclamaram:
— "Ridiculo! Não vês que ella te volta o rosto?
Que ama outro? Não vês? —"
E como quem bruscamente desperta
de um somno prolongado, á saciedade,
abriste as tuas palpebras fechadas para a Vida,
para a Realidade!...

E o Passado, a fallar tristonho e grave,
proseguiu pela voz do Luar, languida e suave:

— A terceira encontraste em uma tasca immunda,
ebria, faminta, esfarrapada,
— Estrella da Miseria, da Perdição e do Vicio —

para quem a existencia sempre fôra
um medonho supplicio!
Dizia obscenidades, e era como um oceano tempestuoso
o cerebro da infeliz, que só na embriaguez
conseguia encontrar um momento de goso!
Olhou-te com os seus olhos ethilicos e grandes,
e, n'uma expressão demente,
pediu-te mais bebida...
Bebeu...
Bebeu como se assim do coração varresse
a lembrança de toda a sua torpe vida!
Bebeu até cahir pesadamente
mas como, dias depois, nos teus bolsos o dinheiro
para o vinho já faltava,
não vacillou em seguir, offerecendo o corpo,
ao primeiro devasso que passava!...

E pela vóz do Luar, alvissimo e prateado,
ainda disse o Passado:

-- Outras vieram... Não sei se amaste ainda,
sei, porem, que hoje já sabes, indifferente,
affrontando as perfidias das Mulheres,
sorrir o riso da descrença,
a gargalhada satanica e perversa
de Mephystofelis !...

E o Passado, pela vóz do Luar calma e louçã,
calou-se... As estrellas morriam... Apontava a Manhã!..

LEGENDA



LEGENDA

Para MORAES DE OLIVEIRA

Estavas triste, o olhar placidamente brando,
humido e langue,
á vez primeira em que, a resar, te vi...
Olhaste-me... E de ventura tremulando
não mais tirei o meu olhar de ti!...

Algum tempo depois
em uma festa esplendida e pomposa,
a sorrir e a dancar,
por outros enlaçada, doidamente,
vertiginosamente,
passavas junto a mim sem me fitar!...

E desde esses instantes
uma dupla amargura em me ferir persiste:
— tua tristeza que me pôz alegre!
— tua alegria que me poz tão triste!...

De uma pagina esquecida
que eu não esqueci...





DE UMA PAGINA ESQUECIDA, QUE EU NÃO ESQUECI...

A JOAQUIM DE OLIVEIRA

Vago prestigio de um aroma antigo
em que ficou vibrando a alma da flor,
vou te contar, meu velho e bom amigo,
uma historia de amor!

Uma historia de amor, languida e suave,
como a brisa a cantar em um jardim,
e que podes ouvir risonho ou grave,
alegre ou triste, do principio ao fim.

Mas não julgues que seja alguma phantasia...
Não sou um sonhador como qualquer
desses que inventam, loucos, noite e dia,
um parque, um riso, um beijo e uma mulher!...

Não direi o seu nome. Pouco importa.
Direi só que era linda como o luar,
que tinha rutilancias de agua-morta,
de agua-parada, a rir, dentro do olhar!

O eterno encontro. Uma dansa, decerto:
ondas de sons as almas a envolver,
um coração de outro batendo perto,
mãos que se tocam, juntas, a tremer...

A esperança risonha de uma phrase,
de uma promessa prestes a cahir,
o encanto doce, leve e fino como gaze,
como uma ebriez que vem sem se sentir!...

Pois foi assim. Depois... Tudo desmoronado!
— Sonho que vôa como um sonho vão! —
termina a dansa: um noivo, um namorado,
um idyllio no canto do salão...

Sôa de novo a orchestra. Os dois dansam agora,
e ao vel-os que martyrio em mim se faz!
Saio. Dansam estrellas pelo céo, lá fóra,
e o luar baila nas fontes de crystaes!...

Na rua, como o phantasma do ciume,
ainda o som me perseguindo vem.
Penso nella... Na sua voz, no seu perfume,
e nos extranhos olhos que ella tem!...

. . . .

— Que queres mais? Dize se já ouviste
um romance como este que narrei
e se sabes, tambem, outra historia assim triste
podes contar-me que eu já terminei!...



Neblina de olhos verdes e cabellos de ouro



NEBLINA DE OLHOS VERDES E CABELLOS DE OURO

A ENE'AS ALVES E SA' LEAL

Vestira o dia o manto gris da tarde. E na grandeza
da tarde — que era uma rosa de cinza —
ella escrevia um poema de descrença e de tristeza...
Ella escrevia sobre as linhas do vento,
com as mãos tremulas,
com os dedos tremulos,
um poema emocional cheio dos estos mais perfeitos
emquanto, absorvido e scismarento,

eu olhava a rua presa de um extasi nevoento
e molhada por mil beijos liquefeitos!...

Havia inverno nos meus olhos tristes... Havia inverno
no proprio inverno que cahia...
E ella, com os seus olhos verdes e os seus cabellos de ouro,
translucida e subtil, pelo espaço escrevia
a historia sentimental de um poeta que sonhára
o amor phantastico
de uma creatura que era bella, que era nobre, que era rara,
de uma mulher deliciosa e franzina,
que além de bella, além de nobre, e além de rara,
era suave como a neblina... doce como a neblina...

Outros, porém, — e tantos! — captivos, arrastados
pela sua graça feita de luz e de mysterios,
iam, loucos, depôr
ante ella suas riquezas e seus imperios,
em troca de um sorriso que lhes falasse de amôr!
E ella, como a bruma que se desfaz no entardecer
e como mulher que sempre fôra,
fugira para um delles porque o poeta só possuia,
num thesouro de versos e de zelos,
em pedras — as esmeraldas dos seus lindos olhos!
em ouro — o ouro maravilhoso dos seus cabellos...

E a Neblina cahindo sobre o rosto da Natureza,
escrevera o meu poema de descrença e de tristeza...

Creaturinha Chá-dansante



CREATURINHA CHÁ-DANSANTE

A ANTEOGENES CORDEIRO

Da virtude e do exemplo bôa filha,
pensativa, ajuizada e recolhida,
tinhas o ar de uma estrella adormecida
a sonhar com terrena maravilha !

Hoje mudaste. Agora, sacudida,
pelos salões o teu encanto brilha!
Segues do luxo a escandalosa trilha
pelas mãos de mil vicios conduzida!...

Que differença! Outr'ora, terna, amante,
hoje cheia de esgares e coleios
estás a creaturinha chá-dansante!

E que estás o proclamam, sem rodeios,
o "jazz" do teu corpo provocante
e o "bataclan" furioso dos teus seios!...

Deste meu odio que
se fez perdão



DESTE MEU ODIO QUE SE FEZ PERDÃO

A JOÃO PUGLIESI

Dá-se ao heroe a gloria ambicionada,
ao luctador se dá coragem para luctar,
dá-se aos fracos o exemplo,
e a todo o coração sensivel, nobre e grande,
a força de odiar e perdoar!...

Quando os teus olhos perfidos, no abandono
de um extranho transporte,
os meus puzeram neste eterno somno
de romantismo e de insensatez,
não vi que somente eu vibrava, desvairado,
a me embriagar, apaixonado,
na minha propria e apaixonada embriaguez!

Julguei que tu tambem sentias dentro dalma

o mesmo fluido te envolvendo nos seus laços,
e para ti voltei meu sonho,
e para ti abri meus braços!

Traidora! Pela traição venenosa do teu sorriso,
que odio tremendo, que odio enorme, que odio immenso,
não te votei, de então, na minha dôr!
—Odio infinito que nasceu de uma mentira
e que viveu perpetuando um verdadeiro Amôr!—

Mas, passou tanto tempo! E o tempo quando passa
destróe rancores,
nivela abysmos tenebrosos,
extingue todo o mal, por maior que elle seja,
e o meu mal, pouco a pouco,
foi passando com o tempo, foi passando
num soluço de queixa e de ansiedade,
numa sentida queixa dolorosa
de Saudade...

E hoje, calando os impetos do meu orgulho,
suffocando a revolta
que o passado ingrato á memoria me traz,
quando te vejo
tenho impulsos na voz de confessar bem alto
que não te odeio mais... porque te amo ainda mais!...



Na minha magua, porém, somente amortecida,
não te dou a certeza de que esqueci meu odio vão.
Mas, vê: fez-se elle na minh'alma commovida,
um vasto firmamento
todo estrellado pelo meu perdão!...

A mulher sonora que
tossia perfume...



A MULHER SONORA QUE TOSSIA PERFUME...

A ASCENSO FERREIRA

Muito branca, muito leve, muito calma,
a minha flôr humana dos cabellos côr-da-noite,
que tinha rythmos na alma,
caminhou para mim, cheia de extranha claridade,
e de modo que eu a ouvisse,
n'uma voz toda doçura, toda suavidade,
nada me disse...

Diante do seu encanto, diante da sua formosura,
eu fiquei aturdido, surprehendido, commovido,
e ella formosa, vaporosa, luminosa,
deceu um signal com o fio da ponta do seu dedo
para que eu fosse atraz de si...

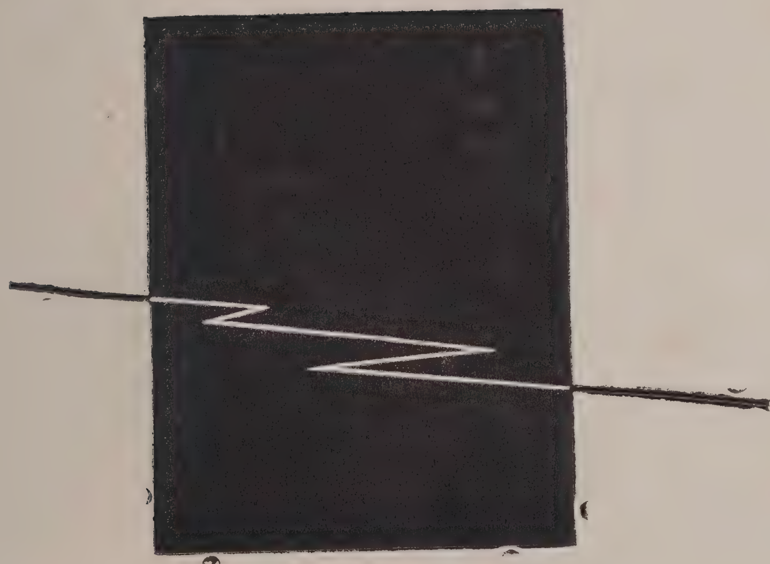
Segui-lhe o passo brando, como uma sombra,
por corredores largos, atapetados e compridos,
até que ella me fez entrar
n'um lindo quarto, onde u'a mão esguia e muda
levantára um altar
tão bello como o que um chim erguesse a Buddha!
E ella tomou-me entre os seus braços,
deu-me aos seus beijos,
inundou-me com o calôr do seu ardente calôr,
teve os meus fremitos,
teve minh'alma, minha vida e meu Amôr!..

Depois,
pelos corredores largos, atapetados e compridos,
ella me trouxe para onde eu estava...
Ah! ,então,
muito branca, muito leve, muito calma,
a minha flôr humana dos cabellos côr-da-noite,
que tinha rythmos n'alma,
caminhou para traz, cheia da sua claridade,
e, sem que eu a ouvisse,
n'uma voz toda doçura, toda suavidade,
um longo adeus me disse...

Eu fiquei aturdido, surprehendido, commovido,
e ella se foi, silenciosa, vaporosa, luminosa...

TEMPESTADE





TEMPESTADE



A Arvore estava na montanha, toda núa,
com os braços longos levantados para o Céo,
onde uma nuvem, como um cysne negro, se insinúa...

Subito, um ruido echôa na floresta
enchendo o valle de um rumor tumultuoso de festa!

E a Arvore, menina ainda, vendo o baile medonho
lá-baixo começar,
enfeitou-se com a chuva, e vestiu-se com o vento,
e desceu da montanha a cantar e a dansar!...

Os Cysanthemos



OS CRYSANTHEMOS



Sob o luar de uma alvura de marfim,
e ouvindo o rio soluçar nos remos,
juntando as mãos, querida, promettemos
que o nosso amor nunca teria fim...

Quanta loucura, ali, ambos dissemos
emquanto a olhar o idyllico festim
— duendes de neve — a um canto do jardim,
riam de nós, dois lindos crysanthemos !

Annos passaram, rápidos, medonhos,
— corceis pisando o chão da minha vida
e levantando a poeira dos meus sonhos ! —

Annos passaram... calmas... temporaes...
E desde aquella noite inesquecida
os crysanthemos não sorriram mais !...

OS CRAVOS



OS CRAVOS



Recordas ? Quanto amor, quanta esperança,
em nós da crença e da chimera escravos !
viviamos, assim, como dois bravos
ante o furor da humana intemperança !

Uma vez — que doçura nestes travos! —
beijei-te as mãos, depois o rosto e a trança,
e cousa mesmo de um amor de creança
deste-me, então, sorrindo, aquelles cravos!

Por um accaso, há pouco, annos após,
cahiram elles de uns papeis que eu tinha.
— Tumulos brancos a fallar de nós! —

Olhei-os... E a tremer, preso ao desgosto,
vi-te de novo inteiramente minha,
beijei-te as mãos, depois a trança e o rosto!...

AS ROSAS



AS ROSAS



Manhã. O céo azul. A serrania
ao longe, verde-claro, verde-mar...
O matto em roda, o rio a soluçar,
um carro, os bois, a igreja, a casaria.

O sol, em fogo, as folhas a queimar.
Calma por tudo. E, nessa calmaria,
a dor encheu a pompa real do dia
— do dia cheio do esplendor solar !

Ella morrera... Como estava linda !
Tinha nos labios um sorriso franco
como de alguem que fosse vivo ainda !

Ella morrera! Sensações penosas!
— Que pallidez naquelle rosto branco!...
— Que sangrento rubor naquellas rosas!...

A dansa da virgula de renda





A DANSA DA VIRGULA DE RENDA

PARA GALVÃO RAPOSO

Curvilineo,
o teu corpo, quando tu estás, provocante, a dansar,
parece, nos seus coleios ophidicos,
uma virgula de renda, se estorcendo pelo ar...
E dir-se-hia que, leve, rodopiando,
ora pousas no chão e depois sobes, espiralando,
como uma nuvem de poeira, mas de poeira lasciva,
cheia de flexibilidades
que se levantasse, toda elastica e impulsiva,
com

rythmos novos e ondeantes, para
atordoar o espirito harmonioso do Som!...

Dansas... Em roda, a sala gesticula. Vozes
de ebrios e devassos confundem-se, numa orgia,
e ha beijos embriagados
que cahem das boccas, tontos, numa tonta alegria!

Mas, nevrotica e sensual, continúas dansando...
Continúas nos teus zig-zags de volupia
revoluteando, revoluteando,
n'um rictus a contrahir o viciado semblante!
Tua dansa é phantastica!... E' uma dansa bizarra...
E' estonteante!...
Sinto que os teus meneios me envolvem toda
a alma, e que, como em sortilegios e bruxarias,
a pouco, pouco e pouco, pouco e pouco,
virgula-forma, virgula-mulher,
vais me attrahindo para os teus braços erguidos
e semeias, então, cheia de impetos e de desejos,
na exaltada oração dos meus Sentidos
as Pausas dos teus Beijos!...

Ballada do Carnaval





BALLADA DO CARNAVAL

A RENATO TEIXEIRA

Tres dias loucos ! Pela cidade
envolta em ruidos e borborinho,
quanto alvoroço ! Que hilaridade,
turbando os juizos, tal como um vinho !
Tudo alegria! Mascaras, flores,
guisos, gettonis e serpentinas,
clarins atroando, sons de tambores,
Pierrots, Palhaços e Colombinas !...

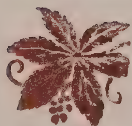
Nas ruas, tontos de alacridade,
mulheres e homens, em desalinho,
esquecem todos a impiedade
do mundo ingrato, rude e mesquinho.
O ether rescende cheio de olores,
tudo se enrola de serpentinas
— Só se ouve o canto dos multicores
Pierrots, Palhaços e Colombinas !...

Carnavalescos ! A' saciedade
rolai, alegres, no torvelinho !
São só tres dias de liberdade,
dias de goso, de redemoinho !
Vêde: pintados, gracejadores,
engrinaldados de serpentinas,
lá vão aos pulos, entre clamores,
Pierrots, Palhaços e Colombinas !...

Brinde

E após voltarmos á realidade
mesmo sem guisos e serpentinas,
eis o que sômos, Humanidade:
Pierrots, Palhaços e Colombinas !...

Em elogio da maldade



EM ELOGIO DA MALDADE

AO RADAGASIO DE FARIA

Eu desejei ser bom. E com o cantaro de barro cosido
da minh'alma em floração,
quiz dar para beber a todas as boccas resequidas
a agua da Fonte do meu Coração!
Eu desejei ser bom. E comecei a erguer um palacio
todo marmore e neve. Levantei os andaimes das Nuvens,
e contractei, por serventes, pedreiros e operarios,

os astros desoccupados do Infinito
pagando nababescos e phantasticos salarios!

Eu desejei ser bom. E simples. Para isso, animoso,
semeei, sem saber, n'um solo refractario e adverso,
as sonoras,
sagradas sementes do meu Verso!

Eu desejei ser bom. Mas a Vida, por má e traiçoeira,
deu-me estradas sem fim, para viajar,
deu-me lagrimas de fogo, para chorar,
deu-me a paysagem da minha tristeza, para olhar,
deu-me a voz do soffrimento, para cantar,
e deixou-me, em pleno rosto, as picadas venenosas
dos beijos das mulheres mentirosas!...

E eu que desejei ser bom, que desejei ser bom e simples,
não pude, por mais que o quizesse, transformar-me!
E embora o mundo inteiro, o mundo hypocrita e malsão,
faça de mim uma especie de cavallo doente
vencido no Grande Premio do Destino,
continuo, n'um gesto de superioridade, superior,
a dar a todos que me insultam e apedrejam,
vaiando-me na derrota,
a esmola do meu Perdão e a agua do meu Amor!

E eu desejo ser bom, ainda! Sim. Desejo mais até
agora, depois que andei por torvelinhos e peráus.
Porque a Vida — verdade antiga — nada valeria para os Bons
se não fossem os Máos!...

MAURICÉA



MAURICÉA



"SOROR DIVINA"



Com suas mãos liriaes de onde o perdão se evola
mais brando, mais subtil, mais puro, mais perfeito,
"Soror Divina" a cruz aperta contra o peito
e em seu longo burel de cinza, o corpo enrola.

Dizei — Manhã de Sol do seu semblante — o effeito
do seu riso que a dor asperrima consola !
Dizei — Echos e Sons — si é sua voz que róla
no Silencio, um rosario em caricias desfeito !

Vêde-lhe o leve andar... E' tão simples, tão bella,
que aureolada ao clarão de dois cirios vermelhos
cuido ver uma santa, a orar, nos olhos della!

E assim, fitando o Céo, serenamente calma,
é minha mãe — "Soror Divina" — a ler, de joelhos,
no convento sem luz, no claustro de minh'alma !...



"SOROR DIVINA"



Com suas mãos liriaes de onde o perdão se evola
mais brando, mais subtil, mais puro, mais perfeito,
"Soror Divina" a cruz aperta contra o peito
e em seu longo burel de cinza, o corpo enrola.

Dizei — Manhã de Sol do seu semblante — o effeito
do seu riso que a dor asperrima consola !
Dizei — Echos e Sons — si é sua voz que róla
no Silencio, um rosario em caricias desfeito !

Vêde-lhe o leve andar... E' tão simples, tão bella,
que aureolada ao clarão de dois cirios vermelhos
cuido ver uma santa, a orar, nos olhos della !

E assim, fitando o Céo, serenamente calma,
é minha mãe — "Soror Divina" — a ler, de joelhos,
no convento sem luz, no claustro de minh'alma !...

A Fogueira Encantada




J.R

A FOGUEIRA ENCANTADA

PARA SOLON DE ALBUQUERQUE

Como se fosse alguem que me movesse o punho,
o Passado anda a inspirar-me um poema
para esta noite de Junho
em que há festa e rumor por toda a parte
e em que uma alegria immensa
invadiu a alma ingenua e folgazã do povo!
Em cada janella, por todas as portas, nas calçadas,
as creanças sorriem
ao verem das "pistolas" multicôres
as balas luminosas voarem incendiadas,
emquanto, na rua, a garotagem
faz rabiarem foguetes irrequietos
assustando quem passa
e enchendo o ambiente de polvora e fumaça!...

Eu sou, talvez, o unico dos rapazes
que, n'um dia como este, em meio do salão
onde os pares se agitam,
vagueia o pensamento entre meditações
a distancias volvendo...
Faz um anno hoje, exactamente,
que nesta mesma festa e neste mesmo logar,
o encanto d'ella foi como um fluido imanente
que arrastou meu andar para junto de si...
Dansamos...
Envolveu-nos a hypnose lyrica do Silencio...
Nada dissemos... No entanto,
dentro da noite negra, lá por fóra,
o vento foi contar de ramo em ramo,
e de flôr em flôr,
que acabavam de entrar dois forasteiros
na estalagem romantica do Amor!...

Depois, a mesma historia do costume:
eu, — eterno-incomprehendido, a imaginar loucuras
e perdido de ciume —
ella, — a mulher como todas, vã e deliciosa,
tão deliciosa e vã como um perfume...

Faz um anno!
Reina por tudo a mesma intensa alacridade,
a mesma alegria tradicional,
porem, tudo está differente
porque falta o seu sorriso estonteante,
porque Ella não trouxe a sua graça absorvente
para a gloria da festa,
que já vai, lento e lento, amortecendo
no delirio rythmico dos volteios,

emquanto que o Passado
como se fôra alguem que me movesse o punho
fez-me escrever agora
este poema que vem de um outro mez de Junho
trazer a evocação clara e sonora!

E ao pensar nessas cousas
tenho assim, sem querer, os olhos cheios d'agua,
porque a Lembrança veio me accender
a Fogueira Encantada da Saudade
na Noite de São João da minha grande Magua!...

A EMBRIAGUEZ



A EMBRIAGUEZ

(Adaptação de uma conhecida lenda arabe)

A um pobre moço, um dia apparece Satan
e diz-lhe: — "Vais morrer! Porém, sob estas tres
condições, eu te poupo: espanca tua irmã,
mata teu pae, ou dá-te ao vicio da embriaguez! —"

— "Morrer !—volve o rapaz—Que horror! Pois tu não vês
que a vida é para mim uma linda manhã?
Espancar minha irmã? Matar a quem me fez?
Oh, não! Não faço tal. Que crueldade vã!"

Terrivel, a sorrir, Satan retruca. Diz:
— "Entrega-te á embriaguez, então... —" E, vacillando,
o desgraçado acceita aquelle accôrdo ultriz.

Mas, uma vez borracho o senso se lhe esváe,
e como um louco, em furia, hediondo, gargalhando,
espancou sua irmã e assassinou seu pae!...

Da tristeza de
um triste



DA TRISTEZA DE UM TRISTE

A ERARD JAMBO E GILLIAT SCHETINI

"Quando o Inverno voltar — disse-me um dia a Terra —
toda eu me abrirei em novos esplendores...
Sorrirei pela bocca dos meus fructos!
Cantarei pelo odor das minhas flores!"

E eu disse, então, á Terra: — Tambem eu, quando em mim
renascer daquelle affecto a Sagrada Invernia
beberei a agua do Goso e da Ventura,
boiarei na correnteza dà Alegria!...—

E para a Terra muitas vezes retornando
o Inverno a encheu de fructos e de flor!

....

Inverno!
— Quando voltarás para mim, meu Amor?...

A que veio para minha alegria



A QUE VEIO PARA MINHA ALEGRIA

A ANNIBAL PORTELLA

Na curva, que esconde a face da outra estrada
desenhou-se o teu vulto...
E fina, e suave, e leve — como um gesto
de uma pequena mãosinha, alva, de creança —
te approximaste trazendo o vento das distancias
envolto na poeira de ouro da tua trança...

Chegaste, n'um sorriso; tudo sorriu quando chegaste!

E eu disse que eras linda: Disse que nos teus olhos
existia um crepusculo de inverno,
um crepusculo de cinza e de meditação,
disse que a tua voz era um sussurro de segredos,
disse que as tuas mãos eram duas flores exoticas
abrindo, em leque, desiguaes, as petalas dos dedos,
disse que tua bocca era um raio de Sol dentro da noite
trevosa, treda e triste do meu Desejo,
disse que o teu andar fizera o Rythmo Supremo,
o Rythmo dos Rythmos,
e disse, para glorificar-te mais ainda,
na minha exaltação enlevada e sincera,
que eras mais do que linda: que eras linda!...

E tu que vinhas só pelo caminho deserto,
ouviste que eu gemia como um passaro ferido
á beira-estrada...
Paraste. Pensaste as cicatrizes dos meus Sonhos,
não fizeste como as outras que escarneceram
de mim e das minhas maguas!
E emquanto, radiante,
a Primavera enfeitou os salões da Floresta
para o grande baile do Estio e da Volupia,
tu enfeitaste os meus labios e os meus ouvidos
com os ramos verdes das tuas promessas e caricias
com as flores dos teus beijos incendidos!...

Que te dei eu, porém, em recompensa? Agora
que me orgulho de ser amado por alguem,
depois que algemei tu'alma bôa e pura,
que faço? Ergo-me e sigo para a frente,
para além,

sem ver que tu ficaste abandonada e só
na solitaria estrada em que eu vivia dantes!

Ingrato que eu te fui! E tu assim, bondosa,
que me revelaste os mysterios transcendentes do amor,
foste aquella que escolhi para ferir bem fundo,
com villeza e impudor!

E hoje, entre nós dois, ha uma legenda de ironia:

Tu —: a que veio para a minha excelsa Alegria!
Eu —: o que surgiu para teu mal e tua dôr!...

A Excelsa Inattingida







A EXCELSA INATTINGIDA

A JOSE' DE ANDRADE LIMA

Debruça-se no espaço essa nostalgica fadiga
que o por-do-sol espalha pelo poente....
Penso em ti...
Em ti que és tão bondosa, que és tão minha amiga,
e que das outras és tão differente...

Sabes, decerto, que eu não sou sincero,
que amo as mulheres todas, uma a uma,
querendo sempre a que se mostra inaccessivel
pela razão, talvez, de não querer nenhuma.

Procuro a excelsa inattingida. Aquella
que jamais, neste mundo encontrei e que, supponho,
nunca hei de encontrar!
Ando a buscal-a aqui, ali, em toda a parte,
n'um tresloucado desvario,
para ella tendo o que melhor possuo
nos sagrados dominios de minh'Arte!

Mas, muitas vezes, é bem certo,
aquillo que á distancia se procura, em vão,
está tão perto
que só precisa se estender a mão!

E subito me vem n'alma surprehendida,
cheia de pasmo e espanto,
a idéa
de que, talvez, essa divina desconhecida
seja tu mesma que eu conheço tanto!...

Profissão de Fé



PROFISSÃO DE FÉ

AO WALDIR PORTELLA

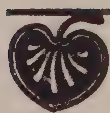
E a mim mesmo bradei: — Vamos, trabalha!
E's moço! Exalta a vida que te inflamma!
Morre por tua patria na batalha,
adora a tua mãe e a tua dama!

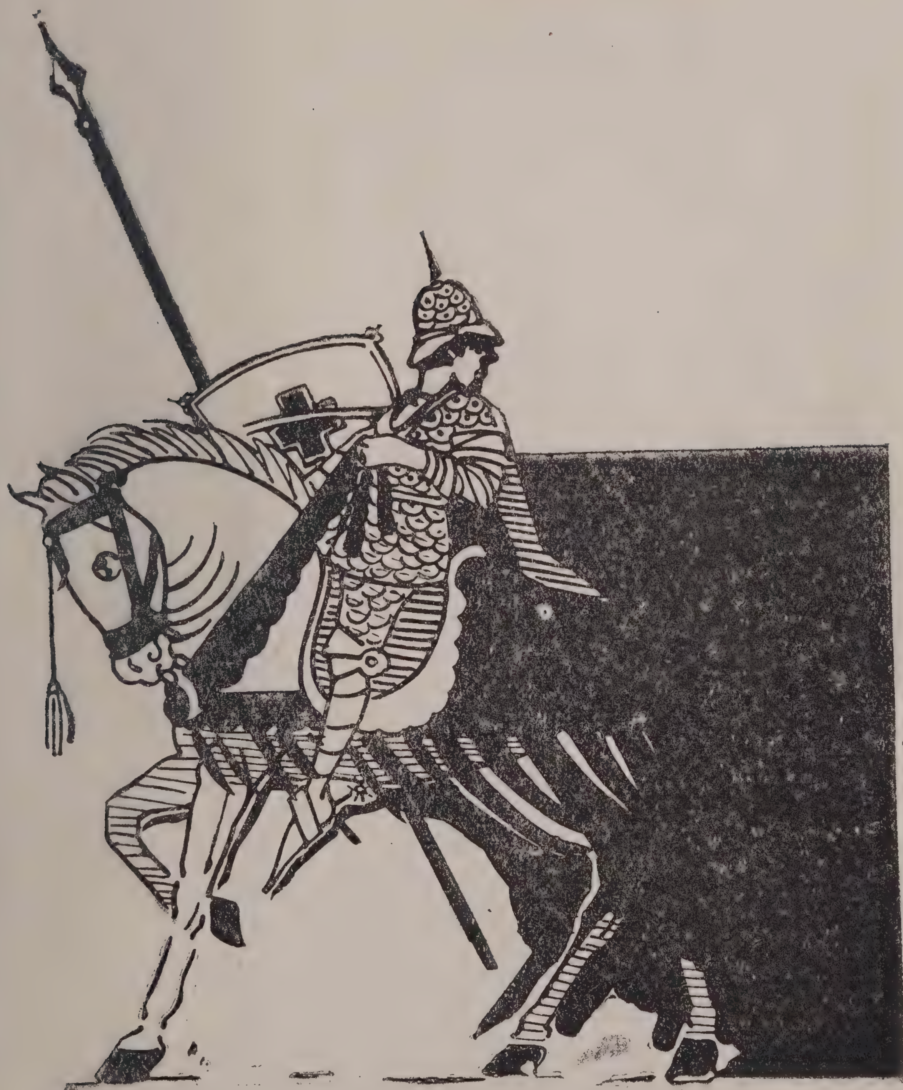
E's moço! O mal te attrahe e te reclama,
mas procura ser bom e o bem espalha!
Ama as estrellas, ama os bosques, ama
o vento que nas arvores farfalha!

Sê simples. Sê sincero e generoso!
Nunca demais chores um soffrimento
nem por demais te atires para o goso!

Verás que, assim, é menos rude a Sorte.
Procura do Passado esquecimento,
crê em Deus, ama a Vida e espera a Morte!...

Ballada da Despedida





BALLADA DA DESPEDIDA

A CARLOS PEDROSA

Adeus! De vós, gentil senhora,
que haveis de amor est'alma ungido,
me affastarei, maguado embora,
o olhar em pranto, commovido...
Porem, fidalgo e cavalheiro,
lembro que um dia vos jurei
perder a vida prazenteiro,
por Deus, por Vós, pelo meu Rei !

Do vosso lado o exilio agora
certo, me deixa entristecido.
Mas, para que maior demora
si hei de ficar mais abatido ?
Sigo. Quem sabe? Aventureiro,
talvez, na lucta tombarei !
Seja! Si tombo, sobranceiro,
por Deus, por Vós, pelo meu Rei !

E' meu Destino ! Estrada afora,
o pensamento em vós perdido
— náo que a tormenta desarvora —
a batalhar constante e fido,
Senhora, ouvi: este guerreiro,
o gladio só tendo por lei,
há de pasmar o mundo inteiro !
— Por Deus, por Vós, pelo meu Rei !...

Brinde :

Adeus ! Si accaso fôr vencido,
— Musa que tanto idolatrei, —
resai por mim que me hei batido
por Deus, por Vós, pelo meu Rei !...

